

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER: AVALIAÇÃO DE TRAÇOS DA PERSONALIDADE DE VÍTIMAS E AGRESSORES

CARDOSO, Alana Keila¹
PALMONARI, Gabriela David²
ZANETTI, Paloma de Quadros³

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre as características da personalidade de agressores e mulheres vítimas de violência doméstica, tendo por objetivo descrever aspectos relevantes a respeito da relação entre os traços da personalidade, por meio do instrumento Bateria Fatorial da Personalidade, especificamente sobre vulnerabilidade, instabilidade emocional, depressão, altivez, amabilidade, pró-sociabilidade, ponderação/prudência e liberalismo. Colaboraram para o desenvolvimento do estudo cinco mulheres e cinco homens, envolvidos em ocorrências de violência doméstica em um município da região Oeste do Paraná. A identificação desses traços possibilita uma melhor compreensão do respectivo fenômeno o qual apresenta um acréscimo significativo de ocorrências a cada ano que passa. Os conflitos no âmbito familiar afetam drasticamente a saúde e o bem-estar dos indivíduos. Por meio da pesquisa realizada, percebeu-se que os traços de personalidade obtiveram relações de contraste em vulnerabilidade e ponderação/prudência e em outros traços; relação de similaridade em altivez, amabilidade, pró-sociabilidade e liberalismo, ao que se refere à instabilidade emocional e depressão, ambas foram semelhantes. Em comparação com a literatura, é possível um entendimento sobre os aspectos da realidade que envolvem cada traço. Esses resultados podem contribuir para melhores intervenções com esses grupos, melhor entendimento sobre a violência doméstica, segundo a análise de conteúdo, como também contribuir para o campo acadêmico.

Palavras-chave: Violência doméstica. Características da personalidade. Mulheres vítimas. Agressores.

¹ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz; especialista em Avaliação Psicológica, Neuropsicopedagogia, Psicologia do Trânsito e Educação Especial. E-mail: alanakcardoso@gmail.com

² Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: palmonari.gabriela@gmail.com

³ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: palomazanettiz@gmail.com

VIOLENCE AGAINST WOMEN: EVALUATION OF PERSONALITY TRACES OF VICTIMS AND AGGRESSORS

CARDOSO, Alana Keila⁴
PALMONARI, Gabriela David⁵
ZANETTI, Paloma de Quadros⁶

ABSTRACT

The present study discusses about personality characteristics of aggressors and women who were victims of domestic violence, having as objective to describe relevant aspects regarding the relationship between personality traits through the Personality Factorial Battery instrument, specifically about vulnerability, emotional instability, depression, haughtiness, kindness, pro-sociability, weighting/prudence and liberalism. Five women and five men, who were involved in domestic violence in a municipality in Western Paraná, were involved in the development of the study. The identification of these traits allows a better comprehension of the respective phenomenon that has been presenting a significant increase of occurrences with each passing year. Family conflicts drastically affect the health and well-being of individuals. Through research, it was found that personality traits obtained contrast relationships in vulnerability and weighting/prudence and in other traits; yet, a similarity relation in haughtiness, kindness, pro-sociability and liberalism, in relation to emotional instability and depression, both were similar. However, with literature comparison, it is possible to achieve an understanding of reality aspects which involves each trait. These results can contribute to better interventions with these groups, a better understanding of domestic violence, according to content analysis, as well as contributing to the academic field.

Keywords: Domestic Violence. Personality characteristics. Victim women. Aggressors.

⁴ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz; especialista em Avaliação Psicológica, Neuropsicopedagogia, Psicologia do Trânsito e Educação Especial. E-mail: alanakcardoso@gmail.com

⁵ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: palmonari.gabriela@gmail.com

⁶ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: palomazanettiz@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018), no ano de 2017, houve registro de 221.238 casos referentes à violência doméstica, mais especificamente sobre a lesão corporal dolosa, que é o resultado da ação de uma pessoa contra outra, com a intencionalidade de prejudicar a integralidade corporal ou de saúde da outra pessoa, havendo, em média, 606 casos por dia no mesmo ano. A partir dessa demanda, identificou-se a necessidade de estudos acerca dos fenômenos em torno da violência doméstica, tendo em vista que um único episódio de violência gera, no mínimo, um agressor e uma vítima direta. Logo, é preciso intervenção com ambos, a fim de diminuir a incidência desses acontecimentos. Ressalta-se ainda que estes dados estão de acordo com a proposta da pesquisa, a qual evidencia a violência doméstica apenas contra a mulher, não se estendendo aos demais públicos, tais como idosos e crianças, os quais também sofrem desta violência.

Nota-se também que há uma necessidade de caráter social, devido ao aumento de casos relatados a cada ano, pois, de acordo com o Instituto de Pesquisa DataSenado, o número de mulheres que declararam ter sofrido algum tipo de agressão foi de 18% em 2015 e houve um acréscimo de 29% em 2017 (BRASIL, 2017).

Em decorrência da situação de violência doméstica envolver dois participantes, esses dados também incluem um aumento na porcentagem de agressores. Nesse contexto, nota-se que as pesquisas referentes aos agressores são escassas se comparadas com as pesquisas que partem do ponto de vista das vítimas. Igualmente, verifica-se a carência de estudos acerca de ambos participantes no contexto da violência doméstica, o que corrobora com a pertinência deste estudo.

A produção científica, de modo geral, apropria-se da realidade para melhor analisá-la e, posteriormente, produz discussões, com o intuito de apontar benefícios tanto para o contexto familiar quanto à sociedade. Nesse sentido, ressalta-se a importância dessas pesquisas para o meio acadêmico.

As pesquisas que tratam da relação entre as características de personalidade das mulheres, vítimas de violência doméstica, bem como dos agressores tornam-se, cada vez mais, necessárias e pertinentes, uma vez que visam a um melhor entendimento sobre esse acontecimento, como também objetivam intervenções futuras mais assertivas para ambos os públicos, no intento de diminuição desses episódios na sociedade.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo central apresentar dados significativos para a problemática que se volta à relação existente entre as características de personalidade dos agressores e das mulheres, vítimas de violência doméstica, por intermédio do teste Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), levando-se em consideração tanto a hipótese de que há uma relação existente, quanto a de que não existe uma relação entre os gêneros.

Frente a esses fatores, a intenção deste estudo é a de identificar e relacionar tais características, assim como compreender as características que compõem cada grupo estudado, para que resultados sejam obtidos, a fim de explicar, com mais precisão, o fenômeno da violência doméstica, bem como assinalar uma diminuição deste no futuro, além de comparar os dados obtidos com a literatura da área, analisando se há, ou não, concordância.

1.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Considerando a dimensão continental do Brasil, tornam-se imprescindíveis as pesquisas sobre a violência contra mulheres, com verificação detalhada sobre esse tipo de agressão. Mediante registros de relatos de violência, sob o amparo da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, denominada Lei Maria da Penha, a qual “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006, n.p), torna-se possível coletar informações pertinentes à periodicidade da violência que ocorre entre vítimas e agressores. Conforme dados afirmados pelo Balanço anual, em 2014, pelo Observatório da Mulher Contra a Violência (BRASIL, 2016), 43% das mulheres relataram passar diariamente por violência e 52% declararam sofrer violência física.

No Brasil, um estudo a respeito de agressão à mulher e gênero nos âmbitos público e privado, realizado pela Fundação Perseu Abramo, revela que, a cada dois minutos, cinco mulheres sofrem agressão no âmbito familiar, resultando em 34% de 2.365 mulheres. Os dados também explicitam que, a cada cinco anos de agressão, a vítima perde um ano de vida útil, ocasionando sérios danos à vida e ao bem-estar da mesma (NETTO *et al.*, 2014).

De acordo com as demandas que surgiram, em virtude do gênero feminino sofrer violência na própria casa, foram criados vários locais para atender a esse público, administrados pela Secretaria de Políticas para Mulheres, denominados Unidades Especializadas de Atendimento, como delegacias especializadas, promotorias, núcleos de gênero do Ministério Público, defensorias de assistência à vítima e corporações qualificadas para acolher mulheres violentadas. Por esse motivo, os trabalhos realizados são instituídos de práticas e incumbências de vários âmbitos, buscando

amplificar e aprimorar atributos à assistência, de forma integrada e humanizada, às mulheres vítimas de violência, de acordo com o Observatório da Mulher Contra a Violência (BRASIL, 2016).

Considerando que a violência é influenciada pela cultura e está submetida a uma revisão constante, conforme os valores e as normas sociais evoluem, não existe uma definição científica para a violência, haja vista as alterações que esta sofre (CASIQUE e FUREGATO, 2006). Entretanto, considera-se violência toda ação adjunta de agressividade, desrespeito a si ou aos outros, causando prejuízo ou sofrimento físico, psicológico e sexual que viola os direitos humanos. Como também a violência doméstica define-se como qualquer conduta que inflige sofrimento, sendo pelo cônjuge ou companheiro ou ex-cônjuge ou ex-companheiro. É um conjunto de crimes onde a mulher se torna vítima dentro de seu próprio lar (PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA, 2000; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 2012; CARVALHO, 2008). E Os tipos de violência são caracterizados como: Física, Sexual, Psicológica, Patrimonial e Moral. (BRASIL, 2012; HIRIGOYEN, 2006; PIMENTEL, 2011; LEI, 11.340/2006).

Nesse sentido, é essencial analisar a violência à mulher de acordo com o conceito de gênero para, assim, poder se obter um melhor entendimento sobre esse amplo contexto. Em síntese, o conceito de gênero se refere ao contraste social entre indivíduos, sendo relevante analisar todo seu contexto histórico, cultural e social (NETTO *et al.*, 2014).

Os episódios de violência contra mulher são reconhecidos como problema de saúde pública. Devido ao agravo dessas repercussões, tais episódios têm incitado a curiosidade da sociedade na perspectiva das possíveis consequências que podem provocar na vivência da mulher, causando graves danos e ocasionando impactos físicos e emocionais, podendo levar à morte. (LUCENA *et al.*, 2017).

Importante ressaltar que a agressão em oposição à mulher, diante de uma profanação aos direitos humanos, acaba sendo um agravo à saúde pública, uma vez que as diversas formas de agressão, incluindo a violência física, trazem consequências aos custos econômicos e sociais, impactando na saúde e no contexto familiar (GARCIA *et al.*, 2016). Diante disso, pode-se afirmar que a violência doméstica, especificadamente contra a mulher se qualifica como a ação violenta em oposição à mulher, sucedendo em prejuízo psicológico ou físico a esta.

Sob esse prisma, a violência é apresentada como infração de inúmeros princípios nas relações de gênero, a qual concerne em relação de poder e anseio de submissão do outro (LUCENA *et al.*, 2017). Para os autores, a violência acontece com pessoas próximas à vítima, sendo que 30% dos

agressores são companheiros íntimos, o que corrobora com o local de ocorrência que é a própria residência da mulher.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006) declara que, quando o indivíduo se porta de forma agressiva e impetuosa, este tem uma intenção relacionada a um propósito a respeito desse comportamento. Nesse contexto, há uma diversidade de fatores que se associam à dinâmica pessoal, cultural e social (SÁ e WERLANG, 2013). Habitualmente, os atos violentos contra a mulher são decorrentes de diversos fatores, desde dificuldades financeiras, uso de drogas em geral, até mesmo do próprio caráter do agressor (NETTO *et al.*, 2014).

Em relação aos tipos de violência, entende-se como violência física quando a pessoa exerce sua capacidade para agredir corporalmente a parceira, independente de quantos anos tem ou das possíveis circunstâncias que se apresentam, podendo ser expressa em forma de chutes, tapas, mordidas, socos, fraturas, lesões, queimaduras ou qualquer outro fato que fira a integridade física, produzindo ou não marcas (CASIQUE e FUREGATO, 2006).

Segundo Zaleski et al (2010), muitos parceiros apresentam esse comportamento em relação ao cônjuge, com a intenção de intimidar e mostrar autoridade, o que ocasiona sequelas, pois as vítimas passam a apresentar sérios dilemas de saúde, afetando radicalmente a qualidade de vida das mesmas.

No que se refere à violência psicológica, esta é compreendida como qualquer ação que afeta ou chegue a lesar a integridade psíquica da pessoa, como condutas de coação, aterrorizar o outro, ridicularizar e discorrer xingamentos sarcásticos (COELHO, SILVA e LINDNER, 2014).

Muitas vezes, essa agressão acontece no âmbito familiar como um meio para afetar o psicológico da pessoa, objetivando a submissão às tomadas de decisões do agressor (COELHO, SILVA e LINDNER, 2014). Um estudo realizado no Chile possibilita identificar formas de violência psicológica, sendo elas: abuso verbal, intimidação, ameaças, isolamento, desprezo e abuso econômico. Destaca-se que, na maioria das vezes, o abuso praticado pelo parceiro vem acompanhado de abusos psicológicos e também por relações sexuais forçadas (CASIQUE e FUREGATO, 2006).

De acordo com Lucena et al (2016), o ciclo da violência contra a mulher, em uma relação conjugal, ocorre, a princípio, com ofensas morais, desencadeando discussões e estresse; posteriormente, há uma obrigação de assegurar a diminuição e rebaixar a mulher por meio de ameaças de possíveis agressões futuras. Desse modo, a mulher é vista como um objeto e figura passiva, cuja função é a de conceber filhos, e o homem dispõe de força física e poder. Em seguida,

faz com que a mulher se sinta culpada pela agressão que sofreu, supondo que as coisas podem mudar. No entanto, o ciclo volta a acontecer, muitas vezes, logo a seguir da lua de mel, tornando frequente a violência doméstica contra a mulher.

1.2 PERSONALIDADE

Ao se referir à personalidade, Rocha (2013) assevera que existe uma gama diversa de definições na Psicologia, variando de acordo com os princípios de cada teoria. Na sequência deste estudo, são abordados alguns conceitos que constituem a ciência da personalidade, sendo possível descrever a definição desta de acordo com a especificidade de cada teoria e do conceito estabelecido por cada autor.

De modo abrangente, a personalidade resume as características únicas que o indivíduo possui, o que o diferencia das demais pessoas pela sua singularidade. Algumas pessoas demonstram ser agitadas, ansiosas e persistentes, ao mesmo tempo em que outras são calmas e equilibradas; algumas almejam por contato e grande entusiasmo social enquanto que outras são mais tímidas e quietas (FEIST, FEIST e ROBERTS, 2015).

Nesse quesito, Mazer, Macedo e Juruena (2017) explicitam o conceito de personalidade de forma bem precisa, definindo-a como traços distintivos que uma pessoa exterioriza, os quais retratam um arquétipo de comportamentos, emoções e pensamentos. A personalidade, assim, é resultante das interações social, interpessoal e individual, tais como: a) preferência, realização e eficiência trabalhista; b) contentamento, bem-estar, identidade e religiosidade; c) atributos das relações em geral; d) conhecimento político, ação ilegal e comprometimento com a sociedade. Relevante ressaltar que a construção da personalidade se constitui da influência de inúmeros princípios, tanto genéticos quanto ambientais, em conexão com vivências, comunicações, insegurança e resiliência de cada pessoa.

Na Teoria Cognitiva, o termo personalidade refere-se às peculiaridades, como a completude das atitudes e pensamentos, incluindo as respostas emocionais e os reflexos do organismo biológico integrado ao ambiente, motivando-o ou sendo motivado por este, juntamente com os métodos de esquemas que conduzem o desempenho psicológico. Sob essa ótica, os padrões característicos de um indivíduo são formados para possibilitar-lhe uma permanência biológica, em meio aos acontecimentos da vida, sendo que essas ações são influenciadas pela estrutura genética e por circunstâncias ambientais (BECK e ALFORD, 2000).

Considerando tais fatores, Nunes, Hutz e Nunes, (2010) afirmam que as características de personalidade apresentam influência nas condutas das pessoas, com grupos ou com a sociedade e que, ao se expressarem, expõem seus traços. Desse modo, a aplicação do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) a públicos com características peculiares, tem evidenciado a capacidade do teste em esclarecer sobre os transtornos de personalidade, figurados em atividades que competem aos psicólogos.

Nesse sentido, o Manual Técnico sobre a BFP, composto pelo modelo CGF, referenciado como Big Five ou Five Factor Model, retrata o teste cujo objetivo é apresentar as possíveis características de personalidade. A estrutura do modelo CGF tem sua organização composta por cinco fatores, conhecidos como Extroversão, Socialização, Realização, Neuroticismo e Abertura a Novas Experiências. Seus princípios foram formulados a partir de estudos sobre as características de personalidade que as pessoas apresentam, sendo de suma importância para pesquisas realizadas nesse contexto (NUNES, HUTZ e NUNES, 2010).

Nessa perspectiva, os respectivos autores Nunes, Hutz e Nunes (2010) afirmam que o modelo CGF dispõe, de uma totalidade de traços biológicos dos seres humanos, retratada por qualidades peculiares. Esse padrão de características assimila-se pela junção da estrutura que a pessoa possui, existente como uma totalidade da soma de comportamentos, costumes, hábitos e a civilização na qual está inserida.

Na composição dos Cinco Grandes Fatores, a extroversão se refere a como as pessoas se relacionam umas com as outras, isto é, se são comunicáveis, participativas, reativas e sociais. O neuroticismo se relaciona às emoções das pessoas. Já a socialização diz respeito à peculiaridade das relações sociais, e a realização se refere à organização, à persistência, ao controle e à motivação que as pessoas apresentam. Por fim, a abertura sinaliza a tendência das pessoas a fazerem novas escolhas (NUNES, HUTZ e NUNES, 2010).

2 METODOLOGIA

A pesquisa originária deste artigo é de natureza básica e descritiva, uma vez que seu objetivo foi o de promover conhecimento científico e descrever a relação de características da personalidade entre mulheres, vítimas de violência doméstica e os atores desta violência, relacionando-os com a literatura. Enfatiza-se que, não há vinculação conjugal entre os participantes de ambos os gêneros,

sendo relevante frisar que, a pesquisa não envolve o casal e sim apenas um indivíduo que vivenciou violência doméstica, sendo agressor ou vítima, como também todos os participantes estavam em relações heterossexuais quando ocorreu a violência. Devido à comparação entre os dois públicos distintos, a pesquisa envolveu análise de dados qualitativos, sem fins lucrativos.

A pesquisa se deu por levantamento de dados, haja vista a necessidade de se conhecer características específicas de uma determinada população correspondente ao fenômeno em questão. Realizada pelos pesquisadores, em uma Organização não Governamental (ONG), a seleção reuniu cinco homens agressores de violência doméstica. Já nas instituições subordinadas à Secretaria Municipal de Assistência Social - Centro de Referência de Assistência Social e Centro de Referência Especializado de Assistência Social, a escolha objetiva foi de cinco mulheres, vítimas de violência doméstica. Importante destacar que todas as instituições estão localizadas em um município no interior do estado do Paraná.

2.1 PARTICIPANTES

Os dez participantes atenderam aos seguintes critérios estabelecidos à pesquisa: a) ter mais de dezoito anos de idade; b) possuir o Ensino Fundamental completo; c) encontrar-se em uma situação de violência doméstica, sendo agressor ou vítima direta. Todos os participantes foram escolhidos por meio de amostra intencional ou de julgamento, haja vista que, por se tratar de uma pesquisa comparativa entre dois grupos, estes deveriam possuir o mesmo número de integrantes, para que os resultados fossem fidedignos.

Outrossim, devido ao fato de as instituições atenderem a outros públicos, além dos pertencentes ao fenômeno em foco, o estudo restringiu-se às pessoas que foram encaminhadas, de forma judicial em decorrência de violência doméstica, ao acompanhamento e a grupos ofertados pela instituição. Desse modo, os participantes convidados a participar voluntariamente vivenciaram episódios de forma efetiva.

2.2 INSTRUMENTOS

Para a realização da pesquisa foi utilizado o instrumento denominado Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES, HUTZ e NUNES, 2010). Este instrumento psicológico foi construído para avaliação da personalidade a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), sendo eles: a)

categoria de extroversão, a qual abrange os tópicos de comunicação, ativez, dinamismo e interações sociais; b) neuroticismo, que se refere à vulnerabilidade, à instabilidade emocional, à passividade e à depressão; c) socialização a qual diz respeito à amabilidade, à pró-sociabilidade e à confiança; d) competência, ponderação/prudência e empenho/comprometimento aos quais compete a realização; e) abertura que se refere à abertura de ideias, ao liberalismo e à busca por novidades.

O referido teste baseia-se em 126 frases que descrevem sentimentos, opiniões e atitudes e estes são respondidos conforme a identificação do participante com a frase. O resultado da Bateria Fatorial de Personalidade se dá pela Escala Likert. Onde, o número 1 significa que a frase descreve muito mal o participante, em contraste ao número 7 que o descreve muito bem, sendo o número 4 equivalente à opção mediana. Os números 2 e 3 representam uma identificação inferior com a frase, porém não totalmente. De igual modo, os números 5 e 6 significam que o indivíduo se identifica com a frase, mas não em sua totalidade (NUNES, HUTZ e NUNES, 2010).

Ademais, utilizou-se um questionário sociodemográfico, contendo alguns dados pessoais, no intuito de coletar informações gerais dos participantes como, por exemplo, idade, escolaridade, estado civil, religião, cor da pele, situação financeira, se já esteve em um cenário de violência doméstica, qual o tipo de violência, em qual relação foi vivenciada a violência, a duração desta e se presenciou cena de violência doméstica na infância. Tais dados foram apenas descritos, sem comparações com a literatura.

2.3 PROCEDIMENTOS

Para a realização da pesquisa, primeiramente, entrou-se em contato com o Centro de Referência Especializado de Assistência Social e com a ONG, para dar seguimento com as documentações, conforme as normas institucionais; posteriormente, projeto de pesquisa e documentos pertinentes foram inseridos na Plataforma Brasil e enviados para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) e emissão de parecer consubstanciado.

Com a devida aprovação, deu-se início à pesquisa. Inicialmente, os pesquisadores se dirigiram a uma das instituições para realizar a coleta dos dados com o grupo de mulheres, esclarecendo a estas os objetivos do projeto. Sendo assim, as pessoas que se disponibilizaram a participar da pesquisa receberam duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após assinarem, uma das vias foi recolhida e a outra permaneceu com a participante.

Na sequência, foi entregue o questionário sociodemográfico e quando todas haviam preenchido, o mesmo foi recolhido. Para finalizar, os pesquisadores entregaram o teste psicológico BFP e realizaram a leitura inicial, esclarecendo os passos seguintes. Da mesma forma procedeu-se com a outra instituição na coleta de dados com o grupo dos homens.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados sob o levantamento de scores nas seguintes categorias: vulnerabilidade, instabilidade emocional, depressão, altivez, amabilidade, pró-sociabilidade, ponderação/prudência e liberalismo. Esses traços foram definidos para delimitar a pesquisa, além de se acreditar que os mesmos representam ambos os públicos pertencentes ao fenômeno em evidência neste estudo.

A correção do teste foi realizada via on-line, através de plataforma específica da editora do respectivo teste, a qual apresentou os scores de cada fator e as características advindas de determinado score. Primeiramente, foram tabulados os dados de acordo com cada característica pesquisada, estabelecendo comparativo entre os resultados das mulheres e dos homens. Enfatiza-se que a análise de dados foi feita à luz do marco teórico de referência.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados explicitados são provenientes da análise de dados coletados com cinco mulheres e cinco homens, a partir do questionário sociodemográfico e do instrumento Bateria Fatorial de Personalidade.

A respeito do questionário sociodemográfico, relativamente ao gênero feminino, convém destacar que as cinco mulheres apresentavam, no momento de aplicação do referido instrumento, faixa etária entre 29 a 59 anos de idade, com níveis socioeconômico diversos e todas com Ensino Fundamental completo. Sobre o estado civil, três eram casadas e duas solteiras. Quanto à prática da religião, uma afirmou ser católica, uma espírita, uma cristã e duas evangélicas. Ademais, quatro possuem a cor da pele branca e uma parda.

Referentemente ao envolvimento das mulheres em um cenário de violência doméstica, a violência psicológica foi marcada pela totalidade. Das cinco mulheres, quatro sofreram violência física e apenas uma relatou ter sofrido violência sexual, moral e financeira, todas em uma relação

conjugal. Quatro mulheres relataram que a primeira agressão ocorreu na faixa etária dos 20 aos 30 anos de idade, e para uma delas ocorreu entre os 40 e 50 anos de idade.

Em relação à duração da violência, para uma das mulheres, a violência durou 1 dia; para duas delas, durou 7 anos; para uma, durou 9 anos, e para outra, 16 anos. Sobre o fato de terem sofrido ou presenciado alguma cena de violência doméstica na infância, três mulheres descreveram a ocorrência em um contexto familiar; para uma delas, com vizinhos; uma com parentes, e outra com desconhecidos.

Quanto ao questionário sociodemográfico aplicado aos homens, a faixa etária destes variou de 29 a 59 anos de idade, todos com Ensino Fundamental completo e níveis socioeconômico diversos. Dos cinco homens, dois eram casados, dois solteiros e um divorciado. Além disso, quatro são católicos, com cor da pele branca e um evangélico, com cor da pele parda.

Em relação ao envolvimento em um cenário de violência doméstica, a violência física foi apontada por dois homens; a violência psicológica por um deles; a violência financeira por outro. Apenas um participante afirmou não estar envolvido nesse contexto. Dos quatro homens, portanto, três vivenciaram a respectiva violência em uma relação conjugal, e um no namoro.

Referentemente à duração das violências citadas, para dois homens, durou por um período de 10 anos; para um deles, 1 dia; para outro, 15 minutos. Ao descreverem se haviam sofrido ou presenciado alguma cena de violência doméstica na infância, dois homens apontaram a ocorrência em um contexto familiar e dois com desconhecidos.

No que tange ao instrumento BFP, convém destacar que a exposição e a discussão dos resultados quanto às características de personalidade de vulnerabilidade, instabilidade emocional, depressão, altivez, amabilidade, pró-sociabilidade, ponderação/prudência e liberalismo são apresentados na sequência deste estudo, com uma respectiva comparação entre os gêneros, além de relacionar os resultados com a literatura.

3.1 VULNERABILIDADE

A faceta de vulnerabilidade diz respeito a quão frágeis são emocionalmente os seres humanos. Dessa forma, indica a vivência do sofrimento da pessoa em decorrência da percepção dos outros e como eles o aceitam. Também é um indicativo de dependência emocional e tomada de decisão em virtude de receio de desapontar o outro. Os resultados dos participantes são descritos na Tabela 1.

Tabela 1 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de vulnerabilidade

Escores e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	95	-
Alto (70-85)	>80, >75, >80	>80
Médio (30-70)	60	35, >50, >35
Baixo (30-15)	-	-
Muito baixo (0-15)	-	<5

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019).

De acordo com os resultados da Tabela 1, é perceptível uma relação de contraste entre os gêneros, haja vista que as mulheres predominantemente apresentam um traço médio para muito alto, em contraste aos homens que demonstram estar na zona de médio para baixo. Embora o resultado majoritário esteja no campo médio, os percentis de dois dos três homens que se encontram na média, apontam percentis próximos ao baixo.

As mulheres, assim, demonstram uma maior dependência emocional e maior medo em perder pessoas importantes, sendo complacentes em diversas situações com o objetivo de agradar o outro. Os homens, entretanto, possuem uma independência emocional maior e tomam decisões, sem levar em conta os sentimentos e opiniões das demais pessoas, o que também pode acarretar dificuldades nos relacionamentos interpessoais.

Nesse sentido, percebe-se que há uma relação de autoridade por uma das partes e de subordinação por outra parte, o que vai ao encontro dos estudos desenvolvidos por Gomes *et al.* (2012), os quais especificam que as mulheres que passam por maus tratos apresentam a tendência de serem passivas em um relacionamento abusivo, como uma forma de adequação ao cenário vivenciado.

Em contrapartida, Moraes (2017) afirma, em conformidade com resultados de sua pesquisa, que 26,7% dos homens descrevem grande decepção amorosa com a vítima, 18% ciúme exacerbado e 13% expressam submissão amorosa pela vítima. Já, segundo Neal (2018), o homem acredita ser

dominador e controlador, mas internamente se sente inseguro e busca suprir sua insegurança com atitudes nocivas à mulher.

3.2 INSTABILIDADE EMOCIONAL

A faceta instabilidade emocional diz respeito à irritabilidade e às variações de humor das pessoas, o que se pode conferir pelos resultados apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de instabilidade emocional

Escores e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	90	-
Alto (70-85)	>85, >70	>75, 75
Médio (30-70)	55	45, >30
Baixo (30-15)	-	-
Muito baixo (0-15)	>10	>5

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Ao se observar os percentis expostos na Tabela 2, nota-se que há tanto uma relação de similaridade quanto de contraste. Os percentis mais altos correspondem a uma maior impulsividade e a grandes oscilações de humor, como também dificuldade em controlar os sentimentos negativos, além de baixa tolerância à frustração. Os mais baixos, por sua vez, equivalem a dados contrários.

Compreende-se a relação de contraste por meio do resultado da forma manipulativa e humilhante apresentada nessa violência, pois, como esclarecem Coelho, Silva e Lindner (2014), as atitudes de humilhação, coação e interiorização do outro acontecem como uma forma de afetar a mulher psicologicamente para obter sua submissão ao agressor.

No tocante à relação de similaridade, entende-se que a ação impulsiva pode ser refletida na agressão física ocasionada, na qual não há um controle emocional o que vai ao encontro dos estudos desenvolvidos por Brasileiro e Melo (2016), determinando que um dos principais fatores das brigas iniciais é o ciúme exagerado e o uso de bebida alcoólica por parte do agressor.

Os resultados dados pelas mulheres estão de acordo com os autores Pinto, Varela e Vinhal (2012) o qual enfatizam que a mulher vítima da violência doméstica apresentam uma grande instabilidade emocional, desta forma sendo irritadas, melancolias e preocupadas, apresentando grandes oscilações de humor. Complementarmente os autores Siegel e Forero (2012) afirmam que o

prejuízo na regulação emocional é uma das consequências da exposição à violência. Linehan (2010) complementa a ideia dos autores, argumentando que a vulnerabilidade exacerbada do indivíduo, juntamente com a incapacidade de controle emocional, leva à desregulação emocional, o que justifica, igualmente, o escore alto, demonstrado pelas mulheres, tanto na faceta anterior de vulnerabilidade, quanto na nesta faceta.

3.3 DEPRESSÃO

Na faceta de depressão, são avaliados os padrões de interpretação do indivíduo sobre os eventos que acontecem ao longo de sua vida, como também suas percepções sobre o futuro e sua capacidade para lidar com eventuais dificuldades, conforme resultados apontados pela Tabela 3.

Tabela 3 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de depressão

Escore e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	>95, >90, 85	-
Alto (70-85)	-	> 80, 80
Médio (30-70)	> 55	> 55,
Baixo (30-15)	20	-
Muito baixo (0-15)	-	5, >10

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Na Tabela 3, observa-se, uma vez mais, que é possível estabelecer uma relação tanto de contraste quanto de similaridade. Isso porque tanto mulheres quanto homens apresentaram escores altos, o que significa que há sentimento de desesperança e expectativas negativas quanto ao futuro. Ademais, os indivíduos se inclinam a ter uma vida monótona e sem emoção, o que se verifica na literatura. Conforme Wijma *et al.* (2007), as mulheres que passaram por essa violência possuem traços de depressão e ansiedade como resultado da grande interferência feita em seu autoconceito.

Outrossim, Gomes *et al.* (2012) afirmam que essas mulheres apresentam indícios de depressão, desesperança e tendência suicida. Caridade e Machado (2006) corroboram com os estudos, afirmando que a autoestima se torna uma predisposição a agredir ou a se submeter a essa situação. Além do mais, muitas pesquisas, de acordo com Baumeister, Smart e Boden (1996) e

Egan (2009), explicitam que os sentimentos de frustração e inadequação são uma característica proeminente dos agressores.

Em contraponto, alguns homens apresentaram escores baixos, o que representa que eles apresentam dificuldades em avaliar os eventos negativos, podendo diminuí-los ou não reconhecer o problema. Desse modo, não buscam soluções para resolvê-lo. Isso se reflete na própria percepção da violência, de acordo com Antonacci e Nagy (2016), uma vez que os homens, na maioria das vezes, não reconhecem a potencialidade da agressão, afirmando que a mulher tem consciência de suas atitudes e das consequências.

3.4 ALTIVEZ

A faceta de altivez diz respeito a como as pessoas medem sua capacidade e valor, de acordo com as próprias percepções, conforme Tabela 4.

Tabela 4 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de altivez

Escores e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	90	95
Alto (70-85)	-	-
Médio (30-70)	45, 65	30, 50
Baixo (30-15)	25	-
Muito baixo (0-15)	10	> 5, <5

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Na Tabela 4, observa-se uma relação de semelhança, pois tanto os homens quanto as mulheres possuem os escores de médio para muito baixo, o que significa que ambos têm a tendência de ser humilde e não se vangloriar por seus bens e capacidades pessoais. Dessa forma, não há necessidade de receberem atenção demasiada das demais pessoas. Não obstante, pode haver a dificuldade de reconhecerem, em si próprios, capacidades e atributos favoráveis, mesmo quando estes são evidentes.

Nesse sentido, o resultado correspondente às mulheres corrobora com estudos realizados por Madalena, Falcke e Carvalho (2015) e Anderson e Bushman (2002). Para os autores, esses

indivíduos possuem a crença de que não conseguem aprender ou desenvolver suas capacidades sem a outra pessoa.

Contrariando esse ponto de vista, Baumeister, Smart e Boden (1996) afirmam que a autoestima inflada assume a sensação de superioridade, orgulho, egoísmo, narcisismo e honra. Já Anderson e Bushman (2002) complementam, esclarecendo que a característica da autoestima inflada se apresenta mais aos agressores, em decorrência de fazerem uso da violência para a manutenção do relacionamento abusivo.

3.5 AMABILIDADE

A faceta de amabilidade baseia-se no quão atenciosas, compreensivas e empáticas as pessoas procuram ser com os outros. Igualmente, o quanto buscam ser agradáveis, analisando cuidadosamente a forma de se portar, bem como as opiniões, com educação e cautela às necessidades alheias, o que registra a Tabela 5.

Tabela 5 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de amabilidade

Escore e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	> 85, > 95	> 90
Alto (70-85)	-	> 70
Médio (30-70)	> 60, 55, 45	> 40, 65, >45
Baixo (30-15)	-	-
Muito baixo (0-15)	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

De acordo com os resultados explicitados na Tabela 5, identifica-se a maioria de respostas no escore médio de ambos os gêneros, o que significa que essas pessoas possuem padrões comportamentais, cognitivos e emocionais comuns à maior parte da população.

Todavia, é conveniente salientar que algumas respostas se dão no âmbito alto e muito alto, representando, assim, que há pessoas que demonstram demasiadamente preocupação com os demais, como também seus sentimentos. Além disso, esforçam-se de maneira acentuada para resolver os problemas dos outros.

Esses resultados, de certo modo, contrariam o que Gleason, Jensen-Campbell e Richardson (2004) afirmam, pois, para estes autores, a agradabilidade se torna um inibidor da agressão. Ou seja, os indivíduos que possuem mais escores nessa faceta tendem a não agredir seus pares. Sendo assim, de acordo com Pimentel, Gunther e Black (2014), a violência acaba não se justificando, tendo em vista que não há necessidade de se utilizar dela para obtenção do que se espera do outro.

Porém podemos compreender os dados referente ao homem vão de acordo com Antonacci e Nagy (2016), uma vez que os homens, na maioria das vezes, não reconhecem a potencialidade da agressão, afirmando que a mulher tem consciência de suas atitudes e das consequências. Já as mulheres se mostram ser mais socialmente agradáveis, generosas e leais (PINTO, VARELA E VINHAL, 2012).

3.6 PRÓ-SOCIABILIDADE

A faceta de pró-sociabilidade corresponde a comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis e regras sociais, moralidade, agressividade e a padrões de consumo de bebidas alcoólicas, conforme Tabela 6.

Tabela 6 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de pró-sociabilidade

Escore e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	> 90, 95	> 95
Alto (70-85)	85	> 80
Médio (30-70)	> 30, 50	> 40, >40, 40
Baixo (30-15)	-	-
Muito baixo (0-15)	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Pelos resultados apresentados na Tabela 6, percebe-se que há uma relação de similaridade entre homens e mulheres devido aos escores registrados entre os percentis médio a muito alto, o que significa que ambos tendem a evitar situações de risco e a transgressão de regras e leis sociais, como também não tentam pressionar ou induzir o outro a fazer algo que não queira.

De acordo com a perspectiva de que o homem acredita não ter feito algo de errado ao cometer um ato violento, Brasileiro e Melo (2016) expõem, em conformidade com suas pesquisas, que

58,5% dos agressores contestam a veracidade dos fatos, 23,5% não se manifestam sobre o assunto e 12,7% confirmam que cometeram um crime, entretanto, em autodefesa.

Os resultados da pesquisa vão ao encontro das afirmações de Caridade e Machado (2006) e Félix (2012), de que a troca de violência entre as mulheres e os homens faz com que a violência seja naturalizada, como também certas atitudes intimidadoras, como o ciúme excessivo, são representadas como uma forma de amor e cuidado. Banaliza-se, assim, a violência, colocando o agressor como inocente, na posição de quem não teve a intenção de causar danos graves, pois, conforme Neal (2018), o agressor não sente culpa ao ter um comportamento inadequado. Distintamente, pronuncia-se com justificativas referindo-se ao outro como responsável por tal atitude.

3.7 PONDERAÇÃO/PRUDÊNCIA

A faceta de ponderação e prudência está direcionada ao bom senso, ao cuidado com a forma para expressar opiniões ou defender interesses, posicionamentos coerentes, bem como à avaliação das possíveis consequências das ações, conforme Tabela 7.

Tabela 7 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de ponderação/prudência

Escores e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	-	95, 90
Alto (70-85)	-	80
Médio (30-70)	60, 40, 45	40, 40
Baixo (30-15)	25, 25	-
Muito baixo (0-15)	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Na Tabela 7, observa-se uma relação de discrepância, haja vista que os homens apresentam escores médio a muito alto em sua maioria, e pessoas com esse escore conseguem controlar melhor o que fazem ou dizem, conseguindo controlar a impulsividade na resolução de problemas.

Em conformidade com Neal (2018) enfatiza que o controle é uma das principais características de um agressor. Desta forma ainda ressalta que o gênero masculino tende a esconder seus reais comportamentos agressivos, externalizando traços, como intimidar, manipular e ameaçar,

permitindo ao outro conhecer apenas o que lhe convém. A forma de controle manifestada pelo agressor pode dificultar, desse modo, o reconhecimento do real comportamento, pelo fato deste agredir verbalmente sua companheira, sem deixar marcas, evidenciando possuir um bom relacionamento, todavia isso é uma distorção da realidade. Em consonância os autores Souto e Braga (2009) afirmam que os agressores se utilizam da persuasão e do controle como uma forma oprimir suas parceiras.

Diferentemente, as mulheres apresentam escores médio para baixo. A maioria se mostra adaptativa aos padrões da sociedade, no entanto, no escore baixo, há uma falta de planejamento e impulsividade relacionada à organização e ao falar antecipadamente.

De acordo com Pimentel, Gunther e Black (2014), as pessoas com escores altos apresentam maior autodisciplinamento e mais concentração para atingir seus objetivos, porém, no polo oposto, podem demonstrar desorganização para atingir suas metas. Essas características, conforme afirmam Pinto, Varela e Vinhal (2012), revelam que as mulheres são mais autodisciplinadas. A autora Neal (2018) também enfatiza que a parceira por muitas vezes assume a responsabilidade do planejamento familiar. O que contraria o resultado da pesquisa, porém podemos analisar isso de acordo com as facetas anteriores em que as mulheres se mostraram mais impulsivas e com uma visão negativa sobre o futuro, correspondendo com o resultado apresentado nesta faceta.

3.8 LIBERALISMO

A faceta liberalismo descreve uma tendência à abertura para novos valores morais e sociais, assim como a forma com a qual as pessoas lidam com tais valores e a noção que estes podem ser relativizados, podendo mudar, ao longo do tempo, e ser diferentes em variadas culturas e regiões, o que registra a Tabela 8.

Tabela 8 - Resultados por categoria e percentis de mulheres e homens na faceta de liberalismo

Escore e Percentis	Percentil Feminino	Percentil Masculino
Muito alto (85-100)	-	-
Alto (70-85)	-	-
Médio (30-70)	60, 50	65, 45, 55
Baixo (30-15)	> 20	15, >15

Muito baixo (0-15)

> 5, > 5

-

 Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

Percebe-se, pelos resultados apresentados na Tabela 8, uma relação de similaridade, com escores médio para muito baixo. Isso significa que ambos os gêneros de ambas as violências tendem a defender a ideia de que os valores não devem ser mudados com o passar do tempo, sendo essas pessoas mais dogmáticas.

Sob essa lógica, compreende-se que tanto as mulheres quanto os homens possuem um pensamento conservador, incluindo os pensamentos machistas, tendo em vista que a igualdade de gêneros é um assunto recente na sociedade e não aceita por muitos nos dias atuais. Tal evidência reforça o pensamento de Antonacci e Nagy (2016) de que os homens com condutas violentas procedem com esse instinto por acreditarem que têm uma posição de poder sobre a mulher, não aceitando a analogia de direito entre ambos.

Nesse sentido, Barillet e Anderson (2012) argumentam que a baixa abertura de ideias prediz a agressão, pois, mesmo indiretamente, constitui um fator perpetuador da violência conjugal. Complementarmente, Pinto, Varela e Vinhal, (2012) enfatizam que as mulheres que se mostram no polo tradicional apresentam mais dificuldades de sair do relacionamento abusivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo sobre características da personalidade de agressores e mulheres, vítimas de violência doméstica, obteve-se a descrição de aspectos relevantes no que tange à identificação das características por meio do instrumento Bateria Fatorial da Personalidade. Por meio deste, pôde-se enfatizar peculiaridades, como também características disponibilizadas em cada fator, a exemplo de vulnerabilidade, instabilidade emocional, depressão, altivez, pró-sociabilidade, ponderação/prudência e liberalismo. Fatores que, de forma analítica, foram comparados entre os gêneros masculino e feminino e em conformidade com a literatura da área.

Esta pesquisa torna-se pertinente conforme o visível acréscimo de ocorrências de casos de violência doméstica relatados a cada ano, pois, de acordo com o Instituto de Pesquisa DataSenado o número de mulheres que declararam ter sofrido algum tipo de agressão aumentou 29% de 2015 para 2017 (BRASIL, 2017). No Brasil, a cada dois minutos, cinco mulheres sofrem agressão no âmbito familiar, resultando em 34% de 2.365 mulheres (NETTO *et al.*, 2014).

O estudo tem sua relevância, uma vez que a teoria sobre a relação de ambos os sexos em contexto de violência doméstica é escassa, o que dificulta a busca por estudos científicos neste campo. Para um melhor posicionamento científico ante esta questão, recomenda-se a continuidade deste estudo e sugere-se que, em demais pesquisas nesse cenário, seja analisada a complexidade e sua singularidade acerca da escolaridade, para que restrições preestabelecidas para realizar a coleta de dados com os indivíduos possam ser evitadas, assim como outros impasses. Pois o teste psicológico BFP demanda que o indivíduo tenha o ensino fundamental completo para estar apto a participar da pesquisa, tendo em vista que na coleta de dados percebeu-se que grande parte do público não o possui, o que gerou certa dificuldade para se obter o número de participantes.

Mediante o aporte teórico e, de modo especial, as análises e discussões dos resultados, infere-se que a pesquisa revelou que os traços de personalidade obtiveram relações de contraste em vulnerabilidade e ponderação/prudência, e em outros traços, relação de similaridade na altivez, amabilidade, pró-sociabilidade e liberalismo. Já ao que se refere à instabilidade emocional e à depressão, ambas foram semelhantes.

Não obstante, em comparação com a literatura, foi possível um entendimento sobre os aspectos da realidade que envolvem cada traço, o que pode contribuir, de forma significativa, para futuras intervenções com esses grupos, bem como um melhor entendimento sobre a violência doméstica, segundo a análise de conteúdo, além de uma efetiva contribuição científica para o campo acadêmico.

Evidenciou-se, portanto, que muitos resultados corresponderam à literatura, conforme esperado, entretanto, outras categorias como amabilidade e altivez, mais precisamente em relação ao grupo dos homens, apresentaram uma contrariedade em relação à literatura. Exemplo disso é a naturalização que o homem faz da agressão, não percebendo o ato violento como um crime real, pois, conforme Lucena et al (2016), os agressores geralmente são sedutores e fazem com que a vítima se sinta culpada por tal ocorrência, como se enfatizou ao longo do artigo.

Essa naturalização da violência corresponde aos dados coletados no questionário sociodemográfico, haja vista que nove dos dez participantes afirmaram ter vivenciado a violência doméstica durante a infância. Outra forma de banalização da violência pode ser relacionada com os resultados obtidos na faceta de liberalismo, em que ambos os gêneros apresentaram índices baixos.

Tal resultado revela o apego a valores retrógrados. Um desses valores diz respeito à superioridade masculina sobre a feminina, tendo em vista que a ideia de igualdade de gêneros ainda é discutida na sociedade atual, não compondo, assim, um valor já cristalizado culturalmente. Em

relação a esse aspecto, Gomes *et al.* (2007, p. 507) afirmam que tanto a violência de gênero quanto a intergeracional se constroem no núcleo familiar, ou seja, “a violência doméstica contra a mulher constrói-se a partir das relações de desigualdade entre homens e mulheres, sendo naturalizada no processo de socialização dos sujeitos e reproduzida de geração a geração”

Outro dado relevante à pesquisa foi o de que as mulheres se mostraram mais impulsivas, conforme os resultados dos traços de instabilidade emocional e ponderação/prudência. O que pode ser observado ao se analisar o tempo de duração da violência que vivenciaram, tendo em vista que quatro das cinco participantes estiveram/estão em um relacionamento abusivo por, no mínimo, 7 anos e uma delas afirmou ter permanecido 16 anos em um relacionamento agressivo.

Compreende-se, assim, que um longo período vivenciando as violências psicológicas e físicas, conforme todas as mulheres relataram, acarreta uma alta interferência na regulação emocional destas, o que poderia justificar a forma impulsiva de agir e inabilidade em realizar planos futuros.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que valiosos conceitos podem ser analisados por áreas sociais e psicológicas, seja por meio das referências que serviram de suporte ao marco teórico, seja pela compreensão dos contextos de profissionais que atuam em âmbito institucional, a exemplo de Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), ONGs, delegacia da mulher e outros centros de referências que visam à promoção e à prevenção de saúde ao público envolvido na violência doméstica.

Na visão de Monteiro (2012), para obtenção de êxito no que tange aos atendimentos às vítimas e aos autores de violência doméstica, é relevante e faz-se necessária a promoção de ações de articulação de conhecimento e atuação da Psicologia com outros campos e outras áreas do conhecimento, além do envolvimento de outras instituições nesse processo.

Destarte, é importante a realização de intervenções, sempre com o devido cuidado de manter a relação com os contextos jurídico e social, nos quais vítima e autor encontram-se inseridos, no sentido de criar um espaço que seja, ao mesmo tempo, terapêutico e promova estratégias de intervenção psicossocial, a fim de facilitar a ocorrência de mudanças subjetivas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. A.; BUSHMAN, B. J. Human aggression. **Annual review of psychology**, v. 53, 2002. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/afdb/6660572516addb602f671e7b8d5cec60d33d.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.

ANTONACCI, T. A.; NAGY, M. A. Aspectos neuropsicológicos dos agressores domésticos e advento da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006). **Revista dos Tribunais**, 2016. Disponível em: <<https://bdjur.tjdft.jus.br/xmlui/handle/tjdft/42554>>. Acesso em: 10 maio 2019.

BARLETT, C. P.; ANDERSON, C. A. Direct and indirect relations between the Big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. **Personality and Individual Differences**, v. 52, n. 8, p. 870-875, 2012. Disponível em: <<http://public.gettysburg.edu/~cbarlett/index/12BA.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.

BAUMEISTER, R. F.; SMART, L.; BODEN, J. M. Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. **Psychological review**, v. 103, n. 1, p. 5, 1996. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/buy/1996-01716-001>>. Acesso em: 07 out. 2019.

BECK, A. T; ALFORD, B. A. **O poder integrador da terapia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 12 set. 2019.

_____. Ministério Público do Distrito Federal. Núcleo de Gênero da Coordenação dos Núcleos de Direitos Humanos. **Mulher, Valorize-se: Conscientize-se de seus direitos**. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 20 fev. 2019.

_____. Senado Federal. Observatório da Mulher Contra a Violência. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais**. 2016. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/529424>>. Acesso em: 10 maio 2019.

_____. Senado Federal. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**, 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/sobre>>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASILEIRO, E. A.; MELO, B. M. Agressores na violência doméstica: um estudo do perfil sociojurídico. **Revista de gênero, sexualidade e direito**. Curitiba, PR, v. 2, n. 2, p. 189-208, 2016. Disponível em: <<https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/1373/1802>>. Acesso em: 10 maio 2019.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. **Análise psicológica**, v. 24, n. 4, p. 485-493, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312006000400004&script=sci_arttext&lng=en>. Acesso em: 07 out. 2019.

CARVALHO, L.F. **Construção e Validação do Inventário Dimensional dos Transtornos da Personalidade**. (Dissertação de Mestrado), Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo: 2008.

CASIQUE, C. L.; FUREGATO, F. R. A. Violência contra mulheres: Reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 6, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2814/281421865018.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2019.

COELHO, S. B. E.; SILVA, G. C. A; LINDNER, R. S. **Violência: Definições e tipologias**. UFSC, Florianópolis, SC, 2014. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1862>>. Acesso em: 10 maio 2019.

EGAN, V. The 'Big Five': Neuroticism, extraversion, openness, agreeableness and conscientiousness as organisational scheme for thinking about aggression and violence. In: MCMURRAN M; HOWARD, R. C. (Eds.). **Personality Disorder and Violence**. England: Wiley-Blackwell, 2009.

FEIST, J.; FEIST, J. G.; ROBERTS, T. A. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2015.

FÉLIX, D. S. S. **Crenças de legitimação da violência de gênero e efeitos de campanhas de prevenção**: um estudo exploratório. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Portugal, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, SP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anuario-2019-v6-infográfico-atualizado.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2019.

GARCIA, P. L.; DUARTE, E. C.; FREITAS, L. R. S. D.; SILVA, G. D. M. D. Violência doméstica e familiar contra mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. **Cadernos da Saúde Pública** v. 32, n. 4, p. abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00011415>>. Acesso em: 10 maio 2019.

GLEASON, K. A.; JENSEN-CAMPBELL, L. A.; RICHARDSON, D. S. Agreeableness as a predictor of aggression in adolescence. **Aggressive Behavior**: Official Journal of the International Society for Research on Aggression, v. 30, n. 1, p. 43-61, 2004. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ab.20002>>. Acesso em: 07 out. 2019.

GOMES, N. P.; DINIZ, N. M. F.; ARAÚJO, A. J. S.; COELHO, T. M. F. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paul Enferm**, v. 20, n. 4, p. 504-508, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/apv/v20n4/19>>. Acesso em: 17 out. 2019.

_____. Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. **Saúde em Debate**, v. 36, p. 514-522, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042012000400003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2019.

HIRIGOYEN, M. **A Violência no Casal**: da coação psicológica à agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LINEHAN, M. **Terapia Cognitivo-Comportamental para transtorno da personalidade Borderline**: guia do terapeuta. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

LUCENA, K. D. T.; DEININGER, L. S. C.; COELHO, H. F. C.; MONTEIRO, A. C. C.; VIANNA, R. P. T.; NASCIMENTO, J. A. Análise do Ciclo da Violência Doméstica Contra a Mulher. **Journal of Human Growth and Development**, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 out. 2019.

LUCENA, K. D. T.; VIANNA, R. P. T.; NASCIMENTO, J. A.; CAMPOS, H. F. C.; OLIVEIRA, E. C. T. Associação entre violência doméstica e a qualidade de vida das mulheres. **Revista Latino-Americana de enfermagem**, v. 25, e. 2901, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692017000100348&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2019.

MADALENA, M.; FALCKE, D.; CARVALHO, L. F. Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 2, p. 122-139, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229042579010.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.

MAZER, K. A.; MACEDO, D. B. B.; JURUENA, F. C. M. Transtornos da Personalidade. **Medicina** (Ribeirão Preto, On-line), v. 50, supl 1, p. 85-97, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Mario_Juruena/publication/318987085_Personality_disorders/links/59b702bfaca2722453a4ff94/Personality-disorders.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MONTEIRO, F. S. **O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica**. Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2593>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MORAES, B. S. M. Homens autores de violência conjugal: caracterização biopsicossocial e a relação com a vítima, o tipo de agressão praticada e suas consequências processuais. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Maria%20do%20Socorro%20Barros%20Moraes%202017.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2019.

NEAL, A. **Relações Destrutivas**. São Paulo: Editora Gente, 2018.

NETTO, L. A.; MOURA, M. A.; QUEIROZ, A. B. A.; TYRRELL, M. A. R.; BRAVO, M. M. P. Violência contra mulher e suas consequências. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 27, n. 5, p. 458-464, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/apv/v27n5/pt_1982-0194-ape-027-005-0458.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

NUNES, S. S. H. C.; HUTZ, S. C.; NUNES, O. F. M. **Bateria fatorial de personalidade**. São Paulo: Casapsi, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Multi – contry on women`s health and domestic violence**. Geneva, OMS, p. 46, 2006.

_____. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. 2012. Disponível em: <<http://who.int/about/copyringht/en/>> Acesso em 18 nov. 2019.

PIMENTEL, A. **Violência Psicológica nas Relações Conjugais: Pesquisa e Intervenção Clínica**. São Paulo: Summus, 2011.

PIMENTEL, C. E.; GUNTHER, H.; BLACK, P. U. V. Acessando o medo do crime: Um survey por meio da internet. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 69, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23296>>. Acesso em: 07 out. 2019.

PINTO, M.; VARELA, A. M.; VINHAL, A. A personalidade das vítimas de violência conjugal. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 8, p. 25-29, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1647-21602012000200004&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 07 out. 2019.

PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA. Gabinete da Ministra para a Igualdade. **Violência doméstica**. Procuradoria Geral da República. Lisboa, 2000. Disponível em: <http://www.pgdlisboa.pt/docpgd/files/1438356001_2015_RELAT_VD.docx> Acesso em 18 nov. 2019.

ROCHA, Q. N. **A teoria da personalidade na terapia cognitiva de Aaron Beck**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2314/1/nataliaquintelarocha.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

SÁ, D. S.; WERLANG, G. S. B. Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 2, p. 106-116, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000200005>. Acesso em: 10 maio 2019.

SIEGEL, J. P.; FORERO, R. M. Splitting and emotional regulation in partner violence. **Clinical Social Work Journal**, v. 40, n. 2, p. 224-230, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/J_Siegel/publication/274034609_Siegel_J_P_and_Forero_R_2012_Splitting_and_emotional_regulation_in_partner_violence_Clinical_Social_Work_Journal_402224-230/links/55ca50fa08aeb975674a4a30.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

SOUTO, C. M. R. M.; BRAGA, V. A. B. Vivências da vida conjugal: posicionamento das mulheres. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 5, p. 670-674, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019597003.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

WIJMA, K.; SAMELIUS, L.; WINGREN, G.; WIJMA, B. The association between ill. Health and abuse: A cross-sectional population based study. **Scandinavian journal of psychology**, v. 48, n. 6, p. 567-75, 2007. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9450.2007.00553.x>>. Acesso em: 10 maio 2019.

ZALESKI, M. PINSKY, I.; LARANJEIRA, R.; RAMISETTY-MIKLER, S.; CAETANO, R. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. **Revista Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 53-59, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102010000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2019.